

5-A doçura do mundo

5.1-A autora

Thrity Umrigar nasceu em Bombaim (atual Mumbai) e desde os 21 anos mora nos Estados Unidos onde é jornalista e escritora. Quando questionada sobre o motivo de sua escolha dos Estados Unidos como local para a continuação dos estudos superiores, Umrigar dá a seguinte resposta:

I've never had an easy answer to that question. In some sense, my whole life prepared me for moving to the U.S. I was a product of an educational system that was very colonial and very Western in its orientation. I still remember my fourth-grade composition teacher telling the class not to create characters who were blond and blue-eyed. Her statement came as a shock because that was all we knew, you know? When I was a child, I read everything ever written by the British children's writer Enid Blyton and later, the Billy Bunter and William series of novels. And as I got older, all I was reading was Western literature. American pop culture was a big influence, also. I mean, until I picked up Salman Rushdie's *Midnight's Children*, I had hardly ever read a novel by an Indian writer. Rushdie was a revelation for me.¹

Nesta passagem, Thrity Umrigar deixa bem claro que o sistema educacional indiano no qual teve sua formação de base foi um sistema baseado nos princípios educacionais coloniais britânicos implantados na Índia. O testemunho de Umrigar atesta a passagem a seguir, extraída da pesquisa de Marisa Grigoletto sobre a colonização britânica na Índia e seus mecanismos de alteração da cultura local em detrimento de uma valorização européia.

Quanto à educação escolar dos indianos, começou, com a intensificação da atuação do governo desde o início do século XIX, um 'zelo reformista' emanando da Inglaterra para a Índia (cf. Brown, 1994, pp. 71-2), com a conseqüente

¹ <http://www.umrigar.com/>

produção de textos acerca dos parâmetros e caminhos que deveriam ser tomados com o propósito de ‘europeizar’ o povo colonizado por meio do ensino das ciência e literatura européias, além dos ensinamentos do cristianismo. O que se pretendia era formar uma elite local europeizada por meio da educação, para que essa elite gradativamente propagasse esses conhecimentos, suas mudanças de comportamento e de valores entre o povo.²

Pelo depoimento da escritora, parece que o empreendimento colonial foi tão massivo e intenso que a cultura nacional era soterrada pelos costumes europeus a ponto de a literatura indiana ser desconhecida, ou ao menos pouco conhecida entre os próprios indianos. Como a literatura inglesa e norte-americana eram as literaturas mais difundidas para não dizer obrigatórias, o imaginário indiano ia aos poucos sendo colonizado. As características européias ganhavam importância e hierarquicamente acabava por serem consideradas superiores, a ponto de os personagens das narrativas criadas por Umrigar possuírem características físicas do colonizador ao invés dos grandes olhos negros, cabelos negros e tez morena tão comum entre os habitantes da Índia.

Sua reação frente ao pedido da professora de romper com o “padrão”, com o que julgava ser o “correto”, causa um sentimento de estranhamento que culminará com seu encontro com a literatura de seu conterrâneo Salman Rushdie, uma literatura em que a marca principal é o encontro entre as culturas européias/norte-americana e asiáticas, o questionamento do empreendimento colonial e a situação pós-colonial dos povos subjugados.

Thrity Umrigar escreve desde criança. Sobre o ato de escrever, ela diz:

Writing was my way to make sense of the world outside and inside my home. Despite the recollections of the adults in my life, I don't think I was a terribly articulate child. Writing was a way to give wings to the inchoate emotions and feelings inside of me.

² 2002: p.68

Se a escrita era uma forma de dar sentido ao mundo e despertar emoções e sentimentos ocultos, seguramente, é a partir de seu encontro com a real situação da Índia colonial e pós-colonial nas páginas de seu conterrâneo que a consistência de seus sentimentos frente ao mundo que se abria ao seu redor ganha forma em suas obras.

Suas narrativas são densamente condimentadas com os temperos e aromas da sua terra natal, mesmo aquelas narrativas em que o pano de fundo não é a Índia – lá está. E foi assim, incorporando sua visão crítica no encontro entre Europa/E.U.A e Índia, reflexo de sua própria história pessoal e de imigração, já que é uma indiana, Ph.D. em inglês, que vive nos E.U.A e escreve sobre a Índia, que Umrigar produziu os livros: *Bombay Time* (2001), *First Darling of the Morning: Selected Memories of an Indian Childhood* (2003), *The space between us* (2005) (*A distância entre nós*) e *If today be sweet* (2007) (*A doçura do mundo*) e acabou recebendo o prêmio Nieman Fellowship da Harvard University.

E será sua última obra, *A doçura do mundo*, a que temos a intenção de analisar neste trabalho, sob a luz da discussão teórica desenvolvida nos capítulos anteriores.

5.2- O mundo só é doce quando assim o percebemos

A obra *A doçura do mundo* possui uma intertextualidade aberta com a obra de Omar Khayyam que perpassa desde a primeira página até a última e as embebe com o seu fino vinho da felicidade momentânea. A escolha de Khayyam não é aleatória nem no sentido de sua obra nem em sua própria figura. Ghiyáthuddin Abulfath Omar bin Ibrahim Al-Khayyámi, nome completo de Khayyam, nasceu e morreu em Nishapur, província de Khorassam, na Pérsia.³ A personagem principal, apesar de indiana, é parse ou zoroastriana, o que significa ser seguidora do sábio persa Zoroastro.

Já no prefácio a autora escolhe o seguinte poema de Khayyam:

³ KHAYYAM, MCMLXVI: p.13

1)Ah, enche a Taça: - de que vale repetir
 Que célere passa o Tempo sob os nossos Pés?
 Não nascidos no Amanhã e falecidos no Ontem,
 Por que nos afligirmos com eles, se o Hoje pode ser Doce?⁴

O poema é uma clara declaração à doçura que o agora pode nos oferecer se estivermos abertos a experimentá-lo sem nos preocuparmos com o que passou ou com o que virá. Afinal, carregamos em nós mesmos os fragmentos do ontem e a promessa do amanhã através das memórias e dos desejos, por isso, devemos viver tranquilamente o presente, pois nele, todos os tempos estão contidos.

O agora tão característico de nossas sociedades pós-modernas está representado pelo que Zygmunt Bauman chama de instantaneidade, “que faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento, por mais breve e ‘fugaz’ que seja”.⁵

Veremos durante a análise da obra, como o ensinamento de Omar Khayyam de desfrutar o agora, ou melhor, de se permitir viver o agora, se reflete da situação em que as personagens se encontram e, de certa forma, resume as circunstâncias e suas resoluções mais saudáveis.

A narrativa inicia-se com a fala de um espectro sobre a coragem e força da personagem principal, Tehmina Sethna. O espectro é a alma do marido de Tehmina, Rustom Sethna, que a ajudou a ser corajosa e, por isso, parte dele ainda vivia com ela. É ele quem nos apresenta o enredo da situação e dispara a narrativa da Índia aos Estados Unidos.

Tehmina vivia em Bombaim (atual Mumbai) com seu marido, mas após sua morte, ela viaja para a casa do filho Sorab que vive em Ohio com sua esposa Susan, que é norte-americana, e seu filho Cavas, o qual chamam de Cookie.

Com a perda do marido, Tehmina se sente sem sua base, não só porque, a maioria das mulheres indianas é dependente dos maridos (fruto de seus costumes e tradições), como ela demonstra muitas vezes durante a narrativa, que era Rustom aquele que tomava as decisões, mas também porque realmente o amou durante a maior parte de sua vida. Em conversa com Susan, ela reflete sobre o que

⁴ 2008: p. 6

⁵ 2001: pp. 144-145

é sentir saudade e chega à conclusão que é uma dor profunda como se seus próprios órgãos a traíssem, uma vez que, no momento da perda, ela se dá conta de que tudo o que pensava possuir, na verdade, era partilhado com outra pessoa.⁶

Como não se tem essa outra pessoa, não há partilha, logo não se possui nada. Esse sentimento de perda total é agravado pelo fato de Tehmina estar em outro país e inserida em outra cultura, a qual tem dificuldades de compreender.

Já no início da narrativa, Themina dá provas de seu estranhamento frente ao outro e de sua falta de compreensão da cultura alheia. Ela se lembra da primeira vez que se encontrou com Susan e reparou em suas mãos. Tehmina ficou surpresa pelas mãos das norte-americanas serem “grandes, masculinas e abrutalhadas – pendiam frouxas junto ao corpo, abertas, relaxadas”. Além do olhar aflito que ela exibia quase todo o tempo deixava Tehmina assustada e nervosa perto da nora.⁷

As características físicas são o primeiro ponto de comparação e diferença entre pessoas de culturas e países distintos, no livro. Após este primeiro contato e a constatação da diferença, a análise adentra questões mais profundas e sutis relacionadas com as ideologias.

Mais adiante, Tehmina, comparando os indianos aos norte-americanos, faz a seguinte observação com relação à maneira de se enxergar a vida, de acordo com ponto de vista da cultura indiana. Porém, a crítica à cultura norte-americana ao mesmo tempo é uma justificativa da própria rejeição da cultura indiana frente à dos Estados Unidos.

2) (...) esse é o problema de vocês, norte-americanos, deekra – e Tehmina resvalou para o carinhoso tratamento indiano -, é que vocês todos pensam demais no riso e na diversão, como se a vida fosse um filme de Walt Disney. Uma coisa inventada por crianças. Já na Índia, a vida é um melodrama de Bollywood – cheia de perdas e tristeza. E, por isso, todos rejeitam a indústria de cinema indiano e preferem Disney. Até o meu Sorab foi seduzido por sua vida ao estilo Disney, por toda essa busca da felicidade e busca do dinheiro, e busca disso e daquilo.⁸

⁶ op. cit.: p. 14

⁷ Ibidem, p. 12

⁸ Ibidem, p. 14

Ela também deixa explícito o seu descontentamento em ver seu próprio filho se desligar de sua terra natal, de seus costumes e ir em busca de novas experiências nos Estados Unidos, através da preposição “até”, o que demonstra seu espanto frente a atitude do filho que foi seduzido pelo estereótipo norte-americano de lugar onde tudo é possível, onde se pode ganhar dinheiro, onde se pode ser feliz, onde tudo funciona e etc.

Porém, vendo-se na mesma situação de deslocamento que o filho, a qual jamais pensara antes que ia acontecer e nunca imaginara que teria que decidir entre sua querida Bombaim e Ohio, entre seu filho e neto e sua cidade, Tehmina começa a perceber não somente as diferenças físicas e ideológicas entre indianos e norte-americanos, mas também, como os indianos eram tratados, por causa destas diferenças, nos Estados Unidos, ou seja, como se dava esse encontro entre culturas, não mais desde o seu lado, mas do lado do outro, o do “dono da casa”.

Susan ao discutir com Tara, a vizinha, esta lhe diz que não precisava ser lembrada das leis que punem os pais por maus tratos a seus filhos, já que conhecia muito bem as leis de seu país, lugar no qual viveu toda sua vida, fazendo uma clara menção ao fato de Susan ser casada com um estrangeiro – precisamente um indiano. Susan critica sua observação já que este fato não fazia nenhum sentido na discussão. A partir desse episódio, a mãe de Sorab se questiona sobre a discriminação que os indianos sofrem em outros países e faz a seguinte reflexão:

3) Tehmina queria perguntar a Susan se ela achava que Tara tivera a intenção de menosprezar Sorab, e queria agradecer-lhe por ter saltado em defesa do marido. Queria saber mais sobre esse tipo de racismo gratuito, se ele era muito comum e se Susan ficava vulnerável por ser casada com um homem de pele escura. E, se era verdade que Susan havia sentido e experimentado esse racismo, isso por certo significava que Sorab, o seu Sorab – apesar das roupas bem passadas, das unhas bem cuidadas, do sotaque norte-americano, do relógio de ouro, do bom emprego, dos muitos diplomas -, também o havia sofrido. Tehmina sentiu um bolo no estômago ao pensar numa idiota ignorante como Tara destilando um veneno capaz de afetar um fio sequer do cabelo de seu precioso filho.⁹

⁹ Ibidem, p. 25

Nesta citação, percebemos que não é a classe social ou o grau de instrução que um imigrante possui que torna mais fácil sua aceitação ou não em outro país, mas sim o seu lugar de origem, uma vez que ele é o estrangeiro, o estranho, o deslocado, o fora do lugar. Seguramente, essa condição “estranha” tem a tendência a piorar de acordo o baixo nível de escolaridade e classe social, até porque a educação, como vimos no estudo de Marisa Grigoletto, era um ponto importante das colonizações, mas o fato é que independente disto, a pessoa será sempre a outra. Assim, como o próprio Edward Said, possuidor de formação acadêmica européia, professor nos Estados Unidos e criador de teorias reconhecidas em todo o mundo, afirmou: “minha sensação predominante era a de sempre estar ‘fora do lugar’”.¹⁰

Se Tehmina já se sentia deslocada, desgarrada de sua terra natal, refletindo sobre a condição dos indianos nos Estados Unidos, por meio do exemplo de Sorab, esse sentimento de deslocamento era sentido em maior intensidade.

Se no âmbito social, Tehmina não conseguia sustentar um sentimento de pertencimento, no âmbito doméstico não era distinto, uma vez que a casa de seu filho era regida por hábitos norte-americanos, estigmatizados na imagem da nora, não-indiana, Susan.

A nora tentava reger os novos hábitos que Tehmina deveria ter. Não levar os filhos da vizinha para sua casa, não falar com Tara, não deixar cabelos na banheira após o banho eram alguns dos pedidos que tolhia cada vez mais sua naturalidade e a silenciava. As atitudes de Susan não permitiam que sua sogra tivesse voz própria, sua voz era falada desde a boca norte-americana de sua nora, uma voz deturpada, que não representava o que Tehmina queria realmente dizer e o que sentia. Era amada, mas ao mesmo tempo tolhida; a protegiam, pensavam saber o que era “melhor” para ela, mas não a permitiam escolher o que ela própria considerava o melhor para si. Assim como William Jones, como já vimos, sanscritista inglês que dedicou toda sua vida ao estudo dos textos clássicos indianos, mas que também acreditava que o império britânico, depois da Providência, é o maio bem que existe no mundo, especialmente para a sociedade indiana.¹¹

¹⁰ 1999: p.19

¹¹ NAIPAUL, 1988, apud BOU, 2006: pp. 60-61

Mas devemos recordar que o silêncio não significa o apagamento do indivíduo. Grigoletto afirma que “aquilo que permanece em silêncio pode ter muitos sentidos, ao passo que o dizer provoca a ilusão de que os sentidos são limitados”. E relembra a obra de Orlandi (1992), na qual a autora postula que o silêncio é a matéria significante por excelência.

Perceber o silêncio como significação resulta em entender que ele é um continuum significante sem os ‘fechamentos’ de sentidos próprios da linguagem. Linguagem e silêncio são matérias significantes distintas: o silêncio é fundante e nele o sentido é.¹²

Como também explica a pesquisadora, o silêncio é a dimensão do múltiplo; ele representa os demais sentidos que a linguagem persiste em reduzir em um. É a partir do silêncio que o indivíduo tem a possibilidade de trabalhar sua contradição constitutiva de sujeito (silenciado) e objeto. Esse deslocamento permite que se perceba que o discurso silenciador sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa, em específico, a cultura de Susan.

No entanto, a característica irreduzível do silêncio faz com que o sentido silenciado continue a significar em outro lugar e de outra forma, resistindo ao próprio silêncio. E este outro lugar passa a ser uma fissura por onde a voz subalternizada fala.

Talvez, por isso, sabendo de sua condição potencial de sujeito apenas reprimida neste momento, Tehmina tenha reagido silenciosamente às proibições de Susan com o seguinte pensamento: 4) “Você acha que me conhece, minha nora, mas não conhece”. Um pensamento quase profético de que essa situação em breve mudaria.¹³

A partir do silêncio cultural a primeira atitude eleita por Tehmina para escapar da limitação sócio-cultural imposta é o escape psicológico a sua origem e vida em Bombaim, lugar no qual foi feliz e sabia como agir diante de cada circunstância, mesmo que sua atitude fosse esperar Rustom tomar a atitude. Ao mesmo tempo, com essa atitude, ela marca o seu não-pertencimento a esse novo

¹² op. cit.: p. 134

¹³ op. cit.: p. 26

lugar. Assim, tem dificuldade de se aproximar do outro em um nível mais profundo, criando uma barreira na qual as diferenças falam mais alto e a separam dos demais. Seu convívio passa a ser cada vez mais difícil.

A única pessoa com quem conversa sobre seus problemas familiares é Eva Metzembbaum, uma judia gorda, duas características, assim como ser indiana, subalternizadas pela sociedade, somadas ao fato de serem mulheres. Eram as diferenças negativas que as aproximavam. E por diferenças negativas, entendemos somente em relação ao pensamento eurocentrista de que o ser humano superior é euronorte-americano, homem, branco, cristão e heterossexual, dentre outras características menores, como bem afirma Agustín Pániker: “trabajador, disciplinado, casado...”¹⁴

A própria personagem Eva compreende sua diferença em relação aos demais norte-americanos por ser judia, e diz as seguintes palavras que confirmam a aproximação de sua condição a de Tehmina:

5) - E o que você esperava, Tammy? É sua nora, não tenho nada contra ela, mas ela não é judia, é uma góí. Esse pessoal branco, eles são bons para fazer os ônibus andarem no horário. No mais, em qualquer coisa que envolva um coração batendo, pode esquecer.

-Mas você é branca – protestou Tehmina.

- Sim, mas não branca como a Susan. Não como a minha nora. Sou mais como você, Tammy. Sei que o mundo é feito de sangue, pus, suor e fezes. E não tenho medo disso. Gente como a sua nora pensa que o mundo é feito de açúcar e temperos. E o mais estranho é que, para pessoas como ela, essa é a face que o mundo exhibe.¹⁵

É Eva que percebe a diferença positiva em Sorab e Tehmina. A Sorab, julga ser mais prestativo que qualquer outro norte-americano, enquanto a Tehmina, é considerada como da família e por isso, Eva é a única com quem Tehmina conversa sobre sua indecisão entre voltar a viver em sua casa em Bombaim ou fazer de sua casa, Ohio.

¹⁴ 2005: p. 94

¹⁵ op. cit.: p. 40

O que causa dúvida em Tammy, como Eva a chama, é sua própria condição estrangeira e o choque cultural ao qual se encontra exposta. A personagem conclui: 6) “- Mesmo assim... Bombaim é a minha casa. Aqui, tenho medo de ser sempre uma estrangeira, de nunca me acostumar com todos esses hábitos”¹⁶.

Mas, para Eva, estrangeiro é aquele que tem uma percepção superficial do país, ao passo que aqueles que se envolvem com as questões do outro país não pode ser rotulado como estrangeiro.

7) (...) pelo amor de Deus, Tammy, não seja boba, Seu filho e sua nora querem você aqui, então fique. E como é que você pode se chamar de estrangeira aqui? Estrangeiro é quem vem aos Estados Unidos, tira umas fotos da Estátua da Liberdade, anda no bondinho de São Francisco e volta para casa achando que conhece o país; isso é que é um estrangeiro. Mas você e seu falecido marido estiveram aqui tantas vezes, que você sabe o preço do leite na mercearia. E, se viesse morar aqui, eu a ensinaria a dirigir. Seu filho pode lhe comprar um carro, para você ter sua independência¹⁷.

Mas para Tehmina, o que determina se uma pessoa é ou não estrangeira são outras condições. Ela continua afirmando que é somente em Bombaim que se sente em casa porque os aspectos sociais de sua vida podem continuar sendo desenvolvidos como: fazer trabalho voluntário no Centro Shanti, para crianças órfãs, ajudar uma vizinha idosa a fazer compras e encontrar os amigos que, em sua maioria, conhece há mais de quarenta anos. Em resumo,

8) - Sabe, lá em Bombaim, eu me sinto uma pessoa, uma pessoa cuja vida tem um sentido, segue um caminho. Aqui, apesar de todos os esforços do Sorab, não consigo deixar de me sentir um ornamento, uma peça decorativa. Quase como um embrulho que alguém tivesse largado na porta dele. Acho... o que eu estou dizendo, Eva, é que não me sinto necessária aqui. Afora uma ou outra preocupação ocasional, os meninos ficarão perfeitamente felizes sem mim.¹⁸

¹⁶ Ibidem, p. 38

¹⁷ Idem

¹⁸ Ibidem, pp. 38-39

É o ser humano como condição social que a faz sentir em casa, ou seja, que desenvolve um sentimento de pertencimento e que, em direção inversa, é a condição social que dá sentido à própria condição humana. E, se nos Estados Unidos, todavia, não é possível exprimir esse aspecto do ser humano, se torna dificultosa uma provável ruptura com aquilo que considerava casa. Lá, ela era Tehmina Sethna, indiana, pertencente a uma sociedade que, apesar de seus conflitos inter-religiosos, era igualmente indiana. Sua identidade e o seu pertencimento a uma nação estavam livres de ameaças; já nos Estados Unidos, era uma indiana deslocada, com cuja nação não se identificava, sentindo-se assim, um objeto.

Eva, por outro lado, por sua religião judaica e o passado histórico desse povo fadado à migração contínua, percebe a situação de Tammy de um ponto de vista distinto.

9) - Ah, fofinha, está tudo bem. Ah, minha querida Tammy, é muito difícil, eu entendo. Sabe, dizem que nós, os judeus, somos um povo nômade. Estamos acostumados a viver feito passarinhos, indo de um lugar para outro. Mas você... a maioria das pessoas só tem um lugar a que chama lar. Eu compreendo, meu bem, juro que compreendo. É uma grande decisão para se tomar.¹⁹

Aqui, temos o pássaro como metáfora daqueles que fazem de qualquer lugar a sua casa por construir seus ninhos pelas regiões por onde voa e elege para gerar seus filhotes, assim como os judeus ao redor do mundo à procura de um lugar seguro para suas famílias e suas práticas religiosas. O pássaro nos recorda outra metáfora, a do caracol viajante citado por María Julia Daroqui para demonstrar que as pessoas, como o caracol que viaja, levam sua “casa” (discutido no primeiro capítulo como identidade e nação) consigo para todos os lugares.²⁰

De qualquer forma, como bem o percebe Eva, sua concepção de “casa” não é, no momento, compreendida por Tehmina, que talvez precise passar por

¹⁹ Idem

²⁰ 2006: p. 145

mais algumas experiências de encontro com o outro, ou o aprofundamento de suas experiências, para que consiga experimentar um novo sentimento de pertencimento e de si mesma, já que é através do outro que nos conhecemos.

Por enquanto Tehmina só se sentia plena de felicidade quando em meio à diversidade da massa humana. No mercado do produtor, vendo todas as pessoas gritando, barganhando, experimentando as frutas num ritmo frenético de idas e vindas, sentia-se 10) “como se houvesse voltado a se juntar à raça humana, engajada numa atividade que a ligava ao resto do mundo”²¹. Por outro lado, o mercado a fazia recordar dos mercados indianos, cheios de vida, em oposição à atmosfera anticéptica dos supermercados norte-americanos.

Outro momento em que Tehmina se enche de humanidade é durante a iluminação da árvore de Natal, no Public Square, em que milhões de pessoas aguardam igualmente ansiosos aquele momento, cuja diversidade humana forma uma grande massa comum. De acordo com suas palavras: 11) “Naquela multidão tinha sido fácil desaparecer, abandonar o próprio corpo e se tornar vazia, ilimitada e expansiva como o céu”. A esta sensação se opõe a vivida na casa de Sorab, em Rosemont Heights; lá 12) “ela se sentia constrangida com seu corpo, sentia o peso da cabeça balançando sobre o pescoço, o peso das mãos caídas dos lados, a pressão incômoda de sua pele escura”, já que todos os demais moradores pareciam 13) “uniformemente similar” e nenhum se envolveria com aqueles que destoam dessa uniformidade, como havia sido durante a iluminação da grande árvore de Natal.²²

Longe desses momentos de satisfação, Tehmina enfrentava preconceito e descontentamento. Ao encontrar seus vizinhos Jerome e Josh a sós do lado de fora de um mercado, ela se preocupa, mas quando Tara, a mãe dos meninos chega, ela sente o golpe da diferença. Tara se vira a seus filhos e diz:

14) -Que é que vocês estão fazendo, andando por aí e falando com ... gente? – E relanceou um olhar desdenhoso para Tehmina.

Ela sentiu o rosto enrubescer diante do insulto evidente.

²¹ Ibidem, p.42

²² op. cit.: pp. 42-43

-Os meninos só estavam sendo gentis – disse, ouvindo o gelo na própria voz. – eles me reconheceram e vieram apenas me cumprimentar.

Tara olhou com insolência para a senhora idosa, descendo lentamente o olhar do alto de sua cabeça até os pés e depois encarando-a. Tehmina teve de se esforçar para não ficar envergonhada diante do olhar de menosprezo da vizinha.

-Ah é? – disse, com ar indiferente. – Bom, eles não têm permissão para falar com estranhos.²³

Tehmina sente a dor e vergonha que a diferença lhe impõe. O preconceito torna-se cada vez mais explícito e sua condição estranha imprime um sentimento de distância em sua alma como uma marca; uma marca que determinasse a distância entre nós e eles, parafraseando o livro anterior de Thrity Umrigar, a mesma distância entre Bombaim e Ohio.

São as diferenças que estabelecem os limites entre um e outro, o que é permitido e aceitável, o que deve ser evitado e as maneiras de se portar e viver em um lugar que não foi preparado socialmente para lidar com aquilo que o “eu” determinou como distinto dele, conseqüentemente, tornando-se o outro.

A presença de Tehmina abala o relacionamento entre Sorab, Susan e Cavas. Susan começa a incomodar Sorab por causa do que ela chama de não-cooperação com as tarefas de casa e desabafa: 15) “Sabe, até que eu gostaria de ter um lugarzinho para mim... só um refúgio, quando o Cookie e... e todo o resto se tornassem uma barra pesada demais”²⁴.

Por “todo o resto” entendamos “Tehmina”. Este é o estopim que desencadeia uma reflexão em Sorab, sobre seus primeiros anos nos E.U.A. Ele sabia que 16) “algumas desigualdades eram tão grandes que ultrapassavam a linguagem, ultrapassavam as explicações”²⁵.

O conflito entre Tehmina e Susan fez com que Sorab recordasse o início de sua vida em Ohio – a experiência do desarraigo – que somente pessoas em condição de deslocamento, como a dele, podia sentir. Um sentimento que ele descreve 17) “como se sua cabeça tocasse os céus da América enquanto os pés

²³ Ibidem, p. 48

²⁴ Ibidem, p. 65

²⁵ Ibidem, pp. 66-67.

estavam fincados em Bombaim, como se ele se equilibrasse sobre dois continentes?”²⁶.

Dividido entre dois mundos, entre duas culturas, entre duas partes de si mesmo – seus sonhos e sua origem -. Foram as visitas de seus pais aos E.U.A. que o dava a sensação de completude, o seu novo eu e seu antigo eu em um só momento. Aos poucos seu hibridismo torna-se algo natural, um limite ultrapassado em direção ao outro – Susan. Ela representa sua metade norteamericana enquanto os pais representam sua metade indiana. O encontro de Susan e seus pais serve de metáfora para a fusão de suas duas metades em um eu híbrido perfeito e aceito.

Mas, a dificuldade de Susan perceber a dor deste processo de ruptura do passado, de sua identidade e de seu país de origem unida à dor de uma nova condição de subalternidade em relação ao outro, o não pertencimento a nova cultura e ao novo país, faz com que Sorab relembre a sua própria experiência, a muito esquecida. Por isso diz:

18) -Susan, por favor, pare de me tratar como se eu fosse um matuto do Terceiro Mundo. Você acha o quê, que eu não gosto do banheiro limpo? Acontece que há outras coisas, como a tranquilidade em casa, por exemplo, que têm a mesma importância para mim. Você não sabe como se porta com a mamãe às vezes... como se fosse uma princesa branca, dando ordens aos serviços²⁷.

Sorab retoma suas diferenças culturais originais e agride Susan frisando a distinção que ainda permanece entre eles por causa das origens distintas, uma terceiro-mundista e outra primeiro-mundista caracterizada pela cor da pele de Susan e conseqüentemente, a primeira considerada subalterna em relação à segunda.

Esses conflitos culturais trazidos pela presença de Tehmina também afetavam a Cavas. Segundo Ashcroft, é na linguagem que “a tensão da revelação cultural e do silêncio cultural torna-se mais evidente” para a manifestação da

²⁶ Ibidem, p. 67

²⁷ Ibidem, p. 69

repressão e inferioridade.²⁸ Podemos perceber Cavas como o representante dessa tensão lingüística, logo, cultural. Ele repreende a avó dizendo: 19) “- Meu nome não é Cavas – cantarolou. – É Cookie. E não use palavras em gujarati quando falar comigo. Sou um menino americano e só entendo inglês”.²⁹

Tehmina, então, tenta explicá-lo que ele também é herdeiro de uma parcela da cultura indiana por seu pai ter nascido na Índia. Mas, novamente ele rebate: 20) “- Não, não sou – disse ele, batendo os pés. – Os indianos são velhos e falam esquisito. A mamãe diz que sou um menino americano típico”.³⁰

Mesmo quando Tehmina tentava expressar o sentimento mais puro e verdadeiro que sentia por Cavas, a questão lingüística se punha entre os dois. Em um episódio Tehmina fala: 21) “-Eu o amo tanto, que você faz parte do meu fígado – disse, e percebeu de imediato, pela expressão de repulsa no rosto de Cavas, que a tradução desse sentimento do gujarati para o inglês tinha sido um erro”.³¹

Quando a avó sugere ao neto, antes de dormir, a leitura do livro sobre a história indiana de Akbar e Birbal, presente dado no ano anterior, ele rejeita e afirma querer ler o livro *Noite longa*.³² Com o desdém que Cavas apresentava por tudo o que era indiano, Tehmina se sentia rejeitada.³³

Como reação à atitude de Tehmina se referir constantemente à Índia, especialmente em termos comparativos aos E.U.A., em uma tentativa de se proteger a tudo que lhe é incompreensível e ameaçador, Cavas a questiona sobre o porquê de ela sempre falar de Bombaim e acrescenta em tom reprovador: 22) “A gente aqui faz tanta força pra você se sentir em casa, vovó, mas você só fica falando de Bombaim e tudo”.³⁴

Tehmina se defende, também em tom decisivo com a seguinte explicação:

23) - Porque Bombaim é a minha casa, entende? – disse, sem tentar retirar o ardor da voz. – Assim como aqui é a sua casa. Passei a minha vida inteira lá. E, embora os outros possam ver apenas uma cidade suja, imunda, onde os ônibus enguiçam e a

²⁸ 1991: p. 59 apud BONICCI, 2008: p.64

²⁹ op. cit.: p. 77

³⁰ Ibidem, p. 78

³¹ Ibidem, p. 81

³² Nem o autor nem o tradutor oferecem informações sobre a origem desta obra. Possivelmente se refere a *Long Night*, de Poul William Anderson, escritor norte-americano de ficção científica.

³³ Ibidem, p. 78

³⁴ Ibidem, p. 80

eletricidade não funciona, o verdadeiro habitante de Bombaim enxerga além disso tudo, vê o coração grande e generoso da cidade. E é isso que a maioria das pessoas não consegue perceber.³⁵

Tehmina estabelece uma clara separação entre seu próprio neto e ela quando diz que Bombaim é o lugar de sua casa enquanto Ohio é a casa de Cavas, como se não fosse possível tanto para um quanto para o outro fazer do outro lugar, sua casa. Além disso, outra distinção é feita entre os verdadeiros habitantes da cidade que conseguem observar para além das aparências, em cujo conjunto ela se inclui, e aqueles que percebem apenas a aparência superficial de sua cidade, ou seja, todos aqueles que não são de Bombaim ou talvez da Índia.

Analisando as atitudes e seu relacionamento com Cavas, a personagem conclui:

24) O filho dela tinha sido um perfeito menino indiano bonzinho, ao passo que seu neto era muito... qual era a palavra?... muito americano. Sim, essa era a melhor palavra para descrever Cavas. Tehmina nunca se sentia tão dolorosamente, tão excruciantemente indiana quanto ao se encontrar perto dele. Rustom, por outro lado, havia aceitado o neto em seus próprios termos. Com que facilidade Rustom se adaptara à vida nos Estados Unidos!³⁶

A facilidade que Rustom tinha de ultrapassar os limites culturais e participar da cultura do outro era algo que Tehmina não tinha e, ao contrário, até resistia. Ela não conseguia entender, por exemplo, como Sorab, criado participando ativamente da diversificada vida sócio-cultural de seu país tinha podido se encaixar em um mundo tão uniforme e como, a personagem constantemente descreve Ohio, anti-séptico. E, se ela achava estranha essa adaptação, questionava-se como seu filho pensava que ela própria poderia se encaixar nesse novo mundo.

Tehmina apresentava uma incompatibilidade de valores referentes a toda organização norte-americana o que fazia com que ela talvez não percebesse que

³⁵ Idem

³⁶ Ibidem, p.81

tanto ali quanto em sua querida Bombaim houvesse as mesmas paixões e misérias humanas, porém, com outra roupagem.

Tehmina ao observar a neve se lembra da chuva em Bombaim e percebe o quão diferente elas são. A chuva em Bombaim caía com a força das monções, ao mesmo tempo em que trazia vida às colheitas, trazia destruição para aqueles que tinham pouco ou nada para se proteger dela. Já a neve era suave, caía com delicadeza sem estardalhaço e embelezava a paisagem. 25) “Chuva e neve. A maneira perfeita de descrever a diferença entre Bombaim e os Estados Unidos, pensou Tehmina. Uma era ruidosa, caótica, tumultuada e errática. A outra era calma, anti-séptica, refinada e polida”³⁷.

Tehmina não percebe que a neve é apenas uma transformação sofrida pelos pingos de chuva. Ou podiam ser pingos de chuva ou podiam se tornar leves flocos de neve, o que determinaria sua modificação seria o encontro da própria gota com as alterações do meio externo, assim como ela.

Pensar na sua querida Bombaim faz com Tehmina se lembre de momentos passados. Ela recorda que Rustom e ela ficaram tristes, porém, não surpresos, quando Sorab anunciou que ia se casar com uma norte-americana. Na verdade, eles desejavam que 26) “Sorab viesse a escolher uma boa moça parse, alguém a quem ela pudesse amar de forma irrestrita como a uma filha”. Ao contrário, escolheu 27) “uma norte-americana branca, chamada Susan”³⁸.

Os pensamentos de Tehmina deixam claro que os elementos culturais podem interferir na distância ou proximidade entre pessoas de culturas/países diferentes. Quando diz que preferiam que Sorab tivesse escolhido uma moça parse a qual eles pudessem amar de forma **irrestrita**, significa que se a moça escolhida não fosse parse, o amor entre eles seria **restrito**. Rustom, porém, parecia ter deixado as diferenças culturais de lado para aceitar a nova condição do filho e a família que ele desejou em sua totalidade.

Rustom novamente se manifestou para Tehmina, insistindo que ela devia ter coragem e fosse feliz aceitando as coisas como elas se apresentam. Mesmo com as palavras de Rustom ecoando em seu coração, ela olhava para Sorab e

³⁷ Ibidem, pp. 93-94

³⁸ Ibidem, p.194

percebia que ele já não pertencia somente a eles, 28) “com uma pontada de dor. Agora também faz parte dessa outra família”³⁹.

Mas se seu filho tinha sido um perfeito menino indiano e lhe dava orgulho ver como ele aprendera com o pai a não sentir inveja dos outros e, principalmente, de ajudar os necessitados, depois de alguns anos vivendo nos E.U.A. Tehmina já não o reconhecia como aquele menino tipicamente indiano.

Mesmo que ainda seja “com uma pontada de dor”, ela começava a se dar conta das mudanças sofridas por seu filho. Se antes, Sorab defendia os mais necessitados em Bombaim, Tehmina percebia que, ao presenciarem o namorado de Tara maltratando Jerome e Josh, Sorab não se envolvia no problema da família para proteger as crianças. Como ele mesmo dizia, ali eram os E.U.A. e não Bombaim onde ninguém respeitava a privacidade alheia e todos sabiam tudo sobre a vida das pessoas. Ele não queria se envolver com os problemas da vizinha porque ela era perigosa.

29) Ele está mudado, pensou Tehmina, e seus olhos se encheram inexplicavelmente de lágrimas. Esse país o modificou. Houve uma época em que o meu Sorab nunca teria ficado parado, vendo uma criancinha ser maltratada por aquele brutamonte. Mas agora ele está... mais embotado. Já não é aquele jovem sensível de Bombaim que via uma injustiça em cada esquina.⁴⁰

Tehmina começou a perceber a hibridização de seu filho e isso a assustou porque acreditava que essas transformações extinguiriam dele seus mais profundos e belos valores. Dessa forma, Tehmina evitava enxergar a realidade e refletia: 30) “Casa, pensou ela com seus botões, e a palavra solitária queimou como fogo. Preciso ir para casa. Mas onde ficava essa casa, disse Tehmina já não tinha certeza”⁴¹.

Aqui percebemos que Tehmina já não tem tanta certeza de que Bombaim é a sua casa como antes afirmado enfaticamente a Cavas. Ela começa a sentir uma alteração em si própria que a conecta também a esse novo lugar, a Ohio.

³⁹ Ibidem, p. 107

⁴⁰ Ibidem, p. 130

⁴¹ Ibidem, p. 126

Enquanto isso, Sorab também continua refletindo sobre os motivos que o fizeram sair da Índia em direção aos Estados Unidos.

31) Talvez essa tivesse sido uma das razões de ele fugir da Índia e trocá-la pelos Estados Unidos, para poder deixar para trás aquela pastosa suavidade da infância e se firmar como homem. E aquele novo país tinha sido bom para ele – endurecera-o, tornara-o competitivo, independente, ávido de progredir, obstinado em sua busca do sucesso. Havia liberado alguma coisa nele. Enquanto na Índia as pessoas sempre lhe diziam para não parecer ambicioso demais, voraz em demasia, ali, nos Estados Unidos, essa ambição e essa avidez eram reverenciadas, incentivadas e recompensadas.⁴²

O sistema de ensino, a corrupção, os correios, o trânsito lento, a burocracia, tudo era criticado na Índia. Os Estados Unidos proporcionaram a Sorab a realização de parte de seus sonhos que, na Índia, talvez não fosse possível realizá-los.

Tehmina se perguntava como um país podia mudar a personalidade inerente de uma pessoa, mas sentia-se feliz em ver o que os Estados Unidos fizeram pelo seu filho adotivo, Percy, resgatado por Rustom e Tehmina dos maus tratos do pai. 32) “E, pela primeira vez, Tehmina sentiu-se grata aos Estados Unidos. Ela e Rustom tinham dado a Percy uma chance, porém aquele país lhe tinha dado sua vida. Era surpreendente a transformação que ocorria com todos aqueles jovens ao chegarem lá”⁴³.

Sorab, porém, inicia também um questionamento frente ao encontro com seu eu híbrido. Após a superação dos primeiros anos nos E.U.A. sem a presença dos pais, a conquista de seus objetivos, a formação de sua família, o convívio com sua mãe desencadeia reflexões que fazem com que ele se questione e tente compreender quem ele realmente é.

33) Talvez ela decida voltar para casa, afinal. Sorab estava passando apressadamente a mão pelo cabelo quando essa idéia traiçoeira lhe ocorreu. Olhou-se no espelho, estarecido. É isso

⁴² Ibidem, p. 144

⁴³ Ibidem, p. 157

que você quer, seu cretino? Se é assim, por que está submetendo mamãe, Susan e todo o mundo a esse dramalhão? Fitou com desagrado um rosto que de repente lhe pareceu fraco e desonesto. Que é você?, perguntou a seu reflexo. O que quer? Em quem se transformou? Quando não houve resposta, obrigou-se a imaginar a casa sem sua mãe, e sentiu-se gratificado com a fígada de perda e solidão que acompanhou essa imagem. No segundo seguinte, porém, imaginou o alívio – o alívio de não ter que ficar em silêncio quando fazia amor com a mulher, o alívio de não ter que entreter a mãe ao voltar para casa, depois de um dia cansativo no trabalho, o alívio de não ter que se mudar para uma casa maior, de não ter que se meter em mais dívidas, numa hipoteca maior. Mas aí pensou na mãe sozinha no apartamento de Bombaim, (...) ⁴⁴.

Sorab fica dividido entre ter sua mãe por perto e proporcionar-lhe a completude que sentia quando aos E.U.A. chegou, e sua privacidade, independência e individualidade desenvolvidas neste novo país em oposição ao sentimento de comunidade estimulado na Índia.

O conflito interno no qual Sorab se encontra é fruto de sua condição híbrida, das influências de ambos os países que contribuíram em sua formação interior, mas como isso se reflete no seu convívio social, acaba causando-lhe sofrimento.

Sorab, mesmo não se reconhecendo e assustando-se com seus pensamentos relativos a sua própria mãe, não se dá conta de que sua transformação, na verdade, não é uma aculturação, mas sim uma hibridização. Afinal, durante a nevasca, o mesmo Sorab que por um momento deseja e sente prazer na idéia do retorno de sua mãe à Índia é o mesmo que estremece de compadecimento lembrando-se dos 34) “sem-tetos que se alinhavam nas calçadas de Bombaim, dormindo no chão duro, em qualquer tipo de clima”. ⁴⁵

Chegamos, então, ao ponto culminante da narrativa. O limite que marca o antes e o depois de um acontecimento cujos resultados iniciam-se no interior do ser humano e extravasa contagiando a todos a seu redor.

Na véspera do Natal, Tehmina vê, por trás da cerca que separava as casas de Sorab e da vizinha, Tara espancando seu filho Josh e, horrorizada com a crueldade investida contra o corpinho frágil da criança, decide não se omitir.

⁴⁴ Ibidem, p. 188

⁴⁵ Ibidem, p. 90

Como Tara, depois do espancamento, sai deixando os dois filhos sozinhos em casa, Tehmina resolve pular a cerca para ajudar os meninos.

A cerca tinha 1.80m de altura, o que resultava difícil a tarefa. Com a ajuda de uma cadeira sobre um deque, Tehmina consegue se pôr no alto da cerca, passando ambas as pernas para o terreno vizinho. Porém, sente-se com muito medo, uma vez que do outro lado não há nenhum objeto que poderia encurtar seu impacto com o solo e pensa em voltar. Mas, nesse momento ouve a voz de Rustom, em um comando grave para pular. Quase não teve tempo de pensar na presença de Rustom, sentiu um empurrão e, no instante seguinte, se encontrava do outro lado da cerca, sem nem ao menos sentir no corpo as dores da idade que a acompanhavam.

Tehmina vê que Josh está sangrando muito e decide levar os dois meninos para a casa de Sorab (aproveitando a ausência de todos), onde poderia fazer os devidos curativos e alimentá-los. Quando Cavas chega e encontra os dois meninos, a avó é obrigada a explicar-lhe o ocorrido e pede segredo ao neto. Ele concorda, mas decide ligar para a polícia para denunciar os maus tratos que Josh e Jerome sofreram por sua mãe.

Dois policiais e um repórter vão à casa de Sorab averiguar a denúncia. Encontram as duas crianças assustadas e Tehmina que está confusa com a situação e medo de ser acusada de rapto. Mas os policiais dizem que ela fez o que era certo, esperam Tara chegar e um deles a leva para a prisão. Enquanto o repórter faz algumas perguntas à Tehmina e tira algumas fotos dela, o outro policial leva as duas crianças para a casa de parentes próximos.

Neste momento, sem esforço, um poema de Omar Khayyam vem à mente de Tehmina como um sussurro do marido:

35) Move-se a mão que escreve e, tendo escrito,
Segue adiante: nem toda a tua Piedade ou teu Saber
A atrairão de volta, para que risque sequer metade de uma
linha;
Nem todas as tuas Lágrimas lavarão uma só de suas Palavras.⁴⁶

⁴⁶ Ibidem, p. 223

O poema de Kayyam sela a passagem de um estado a outro. Suas doces palavras nos dizem que é impossível voltar atrás. É impossível retornar ao passado para evitar com que Tehmina não pulasse aquela cerca. Tendo escrito, nada a fará voltar para que risque sequer metade de uma linha.

Tehmina que tanto se defendia do novo lembrando-se de sua Bombaim, como em uma tentativa de trazer o passado até ela, agora sente a objetividade da impossibilidade de retorno ao passado.

No dia de Natal, quando Sorab lê a notícia da prisão de Tara no jornal ao lado de uma foto de sua mãe, ele fica revoltado, pois havia pedido a Tehmina que não se envolvesse com os assuntos dos vizinhos. E mais uma vez lembra que os E.U.A. não eram como a Índia e, com medo de esse evento ferir sua reputação em seu trabalho, disse:

36) Mulheres, pensou Sorab, abanando a cabeça. Como sabiam ser traiçoeiras! Sem querer, uma imagem do rosto de Grace Butler, com seu cabelo bem penteado, surgiu diante de seus olhos. Provavelmente, ela leria ou ouviria falar dessa história. E Sorab sentiu-se enjoado com a idéia. Sabia o que ela iria pensar. Quem, senão uma ignorante do Terceiro Mundo, faria algo tão grosseiro quanto pular uma cerca para espionar uma vizinha? Mamãe havia acabado de garantir a promoção de Gerry Frazier. Ele sabia que a mãe do Gerry nunca teria feito uma coisa tão impulsiva e impensada.⁴⁷

Mais uma vez as diferenças culturais incitam os julgamentos de Sorab que, pensando em sua carreira profissional, inferioriza sua mãe e menospreza suas atitudes frente à situação ocorrida. Mas, o fato de Tehmina ter defendido duas crianças indefesas fez com que Sorab relembresse algumas memórias de sua infância.

37) Num instante de fraqueza, Sorab viu surgir uma imagem diante dos olhos – uma imagem de seus pais acolhendo em casa um Percy abandonado e perdido. Como ele se orgulhara dos pais naquele momento! Mas isso é diferente, disse a si mesmo, furioso. Neste país ela é uma estrangeira, nem sequer

⁴⁷ Ibidem, p.232

seus papéis com a imigração estão regularizados. (UMRIGAR, 2008: p. 233)

Mas, a lembrança idílica de Tehmina e Percy não justificava a atual atitude de sua mãe. Sua condição estrangeira era determinada pelos papéis de imigração e não por seu envolvimento com o outro.

Porém, quando Tehmina é tratada por todos por onde passa como alguém que teve atitudes de uma verdadeira cidadã (norte-americana), inclusive, recebendo o telefonema de Joe, dono da companhia em que Sorab trabalha e admira, dando os parabéns pelas suas atitudes. O ponto de vista do qual Susan e Sorab olham Tehmina também começa a mudar. Uma mudança interior também se inicia nos dois ao alcançarem a dimensão da atitude de Tehmina.

38) De repente, ocorrera uma idéia a Tehmina: Susan estava ficando mais parecida com todos eles. Mais emotiva, mais sentimental, mais... bem, mais parse. Menos norte-americana. Menos branca. Era como se a influência que Sorab exercia nela comesse finalmente a aparecer.⁴⁸

Uma vez que Sorab sofreu hibridização por se encontrar em outro país e outra cultura, Susan também sofreria por estar em contato com Sorab e sua família. Assim como Tehmina que passou a ver qualidades positivas nos Estados Unidos e foi tocada por seus pequenos cidadãos, Jerome e Josh, a ponto de não omitir-se pela primeira vez e, de sentir-se novamente alguém.

No jantar oferecido por Joe a Sorab e sua família, Tehmina é parabenizada pessoalmente por seu ato de cidadania, Sorab é promovido de cargo em seu trabalho e Joe pergunta a Tehmina se ela sabia a história que narrava o encontro do líder dos parses com o rei hindu, na chegada deles à Índia, algo que ele tinha lido recentemente.

39) Se ela a conhecia? Qualquer criança parse que houvesse tomado leite materno conhecia a lenda de como o grupo de

⁴⁸ Ibidem, p. 249

persas que tinha fugido da perseguição islâmica no Irã, uma trupe pequena e exausta, havia chegado à cidadezinha indiana de Sanjan, em busca de asilo político. O governante hindu, na impossibilidade de fazer esse grupo de estrangeiros de língua parse compreender que não lhe era possível acolher mais refugiados, fora recebê-los na praia com um copo de leite cheio até a borda. Não há lugar – era o que pretendia simbolizar o copo cheio. Mas o sumo sacerdote zoroastrista era um homem brilhante. Tirando uma pequena quantidade de açúcar de seus mantimentos, ele o dissolveu no copo., tomando o cuidado de não derramar uma só gota do leite. Essa foi a sua célebre resposta – a resposta que se havia transformado em fonte de orgulho e orientação para as gerações futuras: como o açúcar no leite, nossa presença adoçará o sabor de suas vidas, sem deslocá-los nem lhes causar nenhum problema. E, assim, eles tinham recebido permissão para ficar e se haviam transformado nos parses da Índia.⁴⁹

A história nos conta muito mais que a chegada dos parses na Índia por causa da perseguição islâmica no Irã e seu encontro com o rei hindu. Ela também nos mostra como as pessoas podem se transformar em contato umas com as outras, assim como o açúcar que adoça o leite.

Durante o jantar de Ano Novo, sozinha em seu quarto enquanto os convidados estão na sala com Susan, Sorab e Cavas, Tehmina ouve novamente Rustom. Dessa vez ele a obriga escolher entre Bombaim e Ohio. Ele a obriga decidir onde será sua casa. E nesse momento ela se depara com o antigo livro de Rustom, com os poemas de Omar Kayyam, aberto na página em que continha o seguinte poema:

40) ‘Ah, minha Amada! Enche a Taça que retira
D’hoje as Dores do passado e os Medos do futuro.
A-manhã? – Ora, A-manhã talvez eu mesmo
Esteja com os Sete Mil anos de Ontem’⁵⁰.

Retomando a idéia central do poema que inaugura a narrativa, este que a encerra também é uma elegia ao hoje, ao momento, ao instante, ao *carpe diem* tão rico a Kayyam. Assim, inspirada pelas palavras de Rustom y Kayyam, Tehmina

⁴⁹ Ibidem, p. 262

⁵⁰ Ibidem, p 297

decide que sua casa será Ohio e anuncia que irá ficar. A comemoração do Ano Novo representa simbolicamente o renascimento de Tehmina, mesmo que essa mudança tenha ocorrido naquele dia em que pulou a cerca para ajudar um outro que não fazia, e ao mesmo tempo fazia, parte dela. Pular a cerca significava pular a fronteira invisível e estar aberta ao encontro espiritual com o outro.

Nas palavras de Tehmina,

41) Minha casa, pensou. Onde fica minha casa? Qual é o meu lugar? Lembrou-se do apartamento de Bombaim, (...). De repente, Bombaim agigantou-se em sua imaginação. Tehmina esqueceu a sujeira, as favelas, a nuvem negra de poluição, o calor insuportável, as multidões atordoantes. Em vez disso, viu o céu dourado do crepúsculo, (...); em vez dos ônibus perigosos e superlotados, lembrou-se das ruas festivas, repletas de gente, daquela humanidade que reafirmava a vida, em imenso contraste com as ruas mortas e desertas que a acolhiam toda noite em Rosemont Heights. Mas, então, pensou: e, entre aqueles milhões de pessoas das ruas de Bombaim, quem se importa se estou viva ou morta? Sua melhor amiga, Zinobia, se importaria; alguns vizinhos se importariam, como Persis; os presidentes das instituições em que ela trabalhava como voluntária se importariam. E quem mais? Aqui, porém, apesar da esterilidade da vida cívica, apesar dos invernos frios e das ruas desertas, apesar dos condomínios residenciais construídos sem calçadas, havia gente que se importava muitíssimo com seu bem-estar. Que se preocupava, se inquietava, ligava suas próprias vidas e destinos aos dela. E – e, nessa hora, Tehmina obrigou-se a engolir sua modéstia natural – aqui havia pessoas que, a despeito do que ela havia suposto antes precisavam dela. Agora podia percebê-lo. Cookie precisava dela, precisava do que só uma avó poderia lhe oferecer. A mãe de Susan morava longe demais para lhe proporcionar a dádiva de sua presença constante. Susan precisava dela, para polir algumas de suas arestas mais ásperas, para fazer emergir a meiguice que os horários frenéticos e o excesso de responsabilidades haviam sepultado. Quanto aos meninos – Percy, Sorab e, agora, talvez até Joe –, Tehmina sabia ter amor suficiente para todos eles. E também sabia uma outra coisa. Ela ficaria. Aqui, nos Estados Unidos. Foi menos uma decisão do que o reconhecimento de algo já sabido, a culminação lógica de seu processo de pensamento. Ao contrário dos filmes, não houve tambores rufando ao fundo, nenhuma trombeta anunciando sua tomada de decisão. É que, na verdade, a decisão fora tomada alguns dias antes. Na hora em que se soltara da cerca, em que encontrara coragem para pular, ela havia aterrissado em mais do que o quintal de Antonio. Havia aterrissado neste continente. A cerca tinha sido a linha divisória entre passado e futuro, entre a Índia e os Estados Unidos. Tehmina admirou-se do fato de não ter sabido disso até um segundo antes, de só

agora seu corpo e sua mente estarem captando seu destino. Move-se a mão que escreve, pensou. O quarto ficou em silêncio enquanto ela jogava uma água no rosto. Pela primeira vez em meses, aquela sensação nervosa e agitada que se alojara em seu estômago a deixou.⁵¹

Tehmina percebe que seu lugar é junto das pessoas que a amam, assim como o próprio subtítulo do livro diz. Junto a eles, qualquer lugar pode se tornar o seu lugar; pode lhe proporcionar a doçura que o mundo pode dar desde que saiba e esteja disposta a usufruir o instante e retirar dele infinitas experiências antes que termine e tenha que ir a um novo lugar. Além disso, percebe que ela mesma está mudada e, a partir dessa primeira mudança, muitas outras podem surgir.

Tehmina é mobilizada e transformada pelo sofrimento do outro e, com isso, alcança um nível mais profundo e livre de barreiras nos encontros sociais. E se era a condição social do ser humano que, para ela, determinava quem era ou não estrangeiro, agora, ela poderia se considerar pertencente a esta família, sociedade, país, nação e cultura. Finalmente, Tehmina de gota de chuva também aprendeu a ser floco de neve.

⁵¹ Ibidem, pp. 297-299